

Os tempos e os espaços das drogas

Gey Espinheira¹

Introdução

Os usuários de drogas têm em comum, o que é evidente, o uso de drogas. Podemos, entretanto, afirmar que as formas de usos e os seus significados diferem de indivíduo para indivíduo, assim como de grupo para grupo dentro de uma mesma cultura, e são mais distintos ainda quando consideramos culturas contrastantes.

Este ponto de observação pode parecer óbvio, mas o que se observa, de fato, é a tendência à homogeneização, como se todos os usuários pertencessem a uma mesma categoria social e deveriam ser vistos a partir de um mesmo enfoque. O que os distingue são, então, apenas os tipos de drogas e as formas de uso, mas como usuários são, afinal, usuários.

O que queremos explicitar neste nosso trabalho é a idéia da heterogeneidade social e cultural dos usuários enquanto tais e isso têm relação direta com as formas de atenção dada a eles, a partir de seus tipos. Se tomarmos o mundo atual como aquele em que prevalece a “ética da autenticidade”, para citarmos Ferry (1994), à qual acrescentamos a estética dionisíaca, como nos propõe Maffesoli (1985), vamos compreender o espírito de uma época em que o indivíduo goza de uma ampla liberdade e firma-se em sua relação com o Outro, fazendo da alteridade o seu referencial existencial.

Mas enquanto este espírito de época desabrocha, um outro, antagônico, se propõe, é o que emerge do sacrifício, da renúncia: tanto a ética que se inspira na virtude e no mérito, como a que se prende ao desespero. Nesses dois campos, o sagrado e o profano se expressam e são os territórios em que se processam as práticas sociais.

Não cabe mais repetir até a exaustão a antiguidade das drogas, seu conhecimento milenar, seus usos mágicos, religiosos e profanos; também não cabe mais o “elogio” às drogas, de Baudelaire a Fernando Pessoa, passando por outros intelectuais renomados como Huxley, Leary e tantos outros, mas procurar ver como os usuários de drogas, as próprias drogas, os que as traficam e a ordem social diferem no tempo e no espaço.

Essa questão é muito importante quando nos defrontamos com uma escalada do uso de drogas, no sentido da banalização do consumo; isto é, sem ter significado dentro de pautas culturais definidas, a exemplo de momentos especiais, ritualizados ou não, sagrados ou profanos; e, ao mesmo tempo, a sociedade se propõe a construir um sistema eficaz de prevenção ou, ainda, de controle social do uso de substâncias psicoativas.

A dinâmica do consumo e as formas mutáveis de como a economia das drogas se organiza fazem com que o “problema das drogas” seja reconsiderado sempre, eliminando a visão simplista de que se trata de uma mesma *coisa* que persiste, *apesar de tudo*, e esse *tudo* compreende a ação legal, o discursos moral e as formas de atendimento aos usuários abusivos.

A cena da droga nunca é a mesma, assim como não o são os seus agentes e isto não apenas no tempo, mas também nos diferentes espaços da cidade. Em outras palavras, as formas de consumo nunca são iguais, assim como os produtos não são os mesmos, nesses espaços diferenciados. E podemos afirmar, ainda, nos casos de as substâncias pertencerem à mesma *espécie* ou *identidade*, que estas não se igualam em termos de qualidade química nos espaços diferenciados.

Seria possível, então, que os mesmos produtos (*canabis*, cocaína, *crack* etc.) se diferenciasssem quando mudam de espaço? Que os consumidores não se iguallassem diante do consumo de um mesmo produto? As respostas são afirmativas. As drogas não têm o mesmo efeito para pessoas socialmente diferentes! E elas não são as mesmas para clientes diferenciados por renda e classe social. Se a questão é posta nesses termos, não são as drogas, mas as razões de consumo e a natureza do que se consome que caracterizariam a ação social de uso das drogas e, mesmo, a toxicomania?

Estamos novamente diante de respostas positivas e, assim, elas nos conduzem à atitude de evitar os reducionismos que fazem equivaler consumidores e drogas e mascarar a realidade, tornando o consumidor um tipo estigmatizado, idealizado, como um ser fraco, doente; a droga, como uma força poderosa e insinuante a corromper as pessoas. Assim, tomamos de Velho (1994, p. 88) a sua afirmação enfática:

Todas as tentativas de explicações genéricas, baseadas em premissas fisiológicas, tenderam a ficar no nível da rotulação e da estigmatização. Seria por outro lado, ingênuo ignorar que o uso de drogas por diferentes grupos só é possível nas nossas circunstâncias sócio- históricas, a partir da existência de redes nacionais e internacionais que expressam interesses políticos e econômicos. Assim, o fenômeno cultural apresenta a sua inevitável dimensão de poder.

Se considerarmos os conceitos de Bauman (1988) sobre os tipos de consumidores – e aqui não estamos falando dos que o são de drogas, embora elas também possam se incluir na variedade dos bens consumidos – vamos verificar a pluralidade de identidades que este mundo contemporâneo exige dos indivíduos e como eles, em suas diferenças, fazem frente a esta demanda da sociedade de mercado.

O mercado ilegal tem sua forma própria, suas regras, que são sempre mais rígidas do que aquelas que regulam as relações de consumo na sociedade aberta do mercado formal. Entretanto, afora esses aspectos mais cruciais, a exemplo de eliminação física do inadimplente diante da “quebrança”, ao invés da supressão de crédito pelo Serviço de Proteção ao Crédito, a economia das drogas segue as mesmas regras, como observaram, entre outros, Kokoreff (1988).

A lei da oferta e da procura distingue os diversos tipos de consumidores a partir de suas capacidades aquisitivas e de seus gostos. Drogas diferentes correspondem a preços também diferentes, mas a sociedade pode impor, como uma moda, ou espírito de época, um gosto democratizado e, portanto, de demanda universal. Para tal atendimento, o mercado diferencia a qualidade, a sofisticação, podendo-se claramente perceber nas diferenças de marca da maioria dos produtos como, e aqui vale o exemplo particular, as bebidas, os cigarros, os charutos etc. Pode-se beber um uísque nacional ou um *scotch*, ou ainda cerveja ou champanhe, e neste caso, nacional ou francês. O mesmo se pode falar das diferenças das marcas de tênis e assim por diante com tudo o mais de que o mercado dispõe. O fato é que o mercado está sempre apto a atender ao gosto, que é mais selecionado pelo tipo de consumo do que o da sua sofisticação. Assim, há *canabis* misturada, como há a de elevada qualidade; a cocaína pode ser “pura” ou “batizada”, de modo que, além da hierarquia social das drogas: *crack*, cocaína, por exemplo, anfetaminas e *ectasy*, há as *misturas* que tornam as drogas mais “nobres” também mais acessíveis.

Visto, portanto, que diferentes consumidores – e aqui no sentido de clientes – têm diferentes acessos a produtos, a agilidade da economia das drogas oferece diferentes substâncias, em natureza e qualidade, para atender à demanda existente. E como essas demandas não se localizam de forma homogênea no espaço urbano, pode-se falar também em *urbanização das drogas*, ou seja, nos tipos de prevalência e convivência de usuários, traficantes e de produtos, resultantes da adaptação da economia das drogas aos espaços físicos e sociais da cidade.

Indivíduos e identidades

Despedimo-nos da sociedade moderna que produziu um tipo de individualidade centrada na identidade e esta como uma construção paulatina, sólida, como uma cadeia da qual cada indivíduo era um elo. Uma sociedade com um projeto social e o indivíduo com um projeto dentro dela e identificado nela e por ela. A sociedade pós- tradicional, que lhe dá seqüência cronológica, propõe outro tipo de individuação. Esse novo tipo humano, narcísico, orgíaco e hedônico está aberto às experiências voluptuosas, pouco afeito ao sacrifício, à renúncia do prazer. O contexto desse indivíduo na sociedade contemporânea pode ser melhor compreendido na análise de Guiddens (1997, p. 86) :

Na época em que Freud escreveu, as tradições da vida cotidiana estavam começando a ranger e ceder sob o impacto da modernidade. A tradição proporcionava as estruturas estabilizadoras que integravam os vestígios da memória em uma memória coerente. Pode-se especular que, à medida que a tradição se desvanece, a “memória dos vestígios” fica mais cruamente exposta, assim como fica mais problemática no que se refere à construção da identidade e ao significado das normas sociais. Daí em

diante, a reconstrução do passado com os recursos da tradição torna-se uma responsabilidade – e até uma exigência – mais claramente individual.

Esse novo indivíduo existe em uma sociedade de experiências compartilhadas e não de isolamento; de troca de representações, de afirmação de identidades que, como visto, exige mais esforços para afirmá-las, ao tempo em que as diferenças sociais se chocam com o significado das normas sociais que, diante do heterogêneo, impõem determinações padronizadas. Em face desta situação a sociedade é desigual, social e culturalmente, como nos apresenta, numa síntese, Bauman (1988):

No mundo pós-moderno de estilos e padrões de vida livremente concorrentes, há ainda um severo teste de pureza que se requer seja transposto por todo aquele que solicite ser ali admitido: mostrar-se capaz de ser seduzido pela infinita possibilidade e constante renovação promovida pelo mercado consumidor, de se regozijar com a sorte de vestir e despir identidades, de passar a vida na caça interminável de cada vez mais intensas sensações e cada vez mais inebriante experiência. Nem todos podem passar nessa prova. Aqueles que não podem são a “sujeira” da pureza pós-moderna.

As pessoas são diferentes e vivem desigualmente as circunstâncias e as condições do mundo. Tomemos, como exemplo, diferentes tipos de usuários de substâncias psicoativas, por exemplo, crianças e adolescentes pobres que se iniciam muito cedo no consumo de *crack*, que se tornam “nóias”, literalmente *sujeira*, como pudemos ver nas declarações de matadores profissionais de São Paulo, em reportagem da revista semanal *Veja* (1999, p. 42), como as que transcrevemos em seguida:

Matando os nóias, que são os garotos viciados em *crack*, a gente evita que eles sujem a área. É como limpar um lixo da rua. Sabe quando junta aquele lixo? No ambiente que você trabalha, não precisa arrumar as mesas? É a mesma coisa com a gente. Precisamos limpar o ambiente de trabalho. Matar os nóias é obrigação. Todo dia tem BO de um nóia. A gíria BO vem de boletim de ocorrência e significa um problema que alguém arruma para a gente. Matar nóia é limpeza. Você derruba o cara, coloca dentro do carro, leva na represa, rasga a barriga dele e joga dentro do rio. Quem vai achar o cara? Ninguém acha.

Esse tipo de consumidor é *barato*, desqualificado pelo mercado, logo socialmente desvalorizado. Se perguntarmos-nos, ou melhor, se observarmos com a devida atenção em busca da razão de consumir o *crack*, vamos verificar que se trata de um modo de ser, uma moda socialmente elaborada para determinados tipos sociais. Que linguagem, então, poderia estabelecer comunicação com esse tipo de pessoas. Que comunicação teria eficácia? Em outros termos, que prevenção seria indicada?

A desmoralização, no sentido mais comum do termo, dos usuários de *crack* requer, como prevenção ou intervenção, a moralização social desse sujeito tornado “sujeira humana” – ao ponto de, aos olhos dos traficantes de drogas nobres, comprometer o ambiente e, por isso mesmo, merecer ser eliminado – e aí nos perguntamos qual é a possibilidade e o modo mais eficaz para essa moralização e levantamos a hipótese interrogativa: seria um tipo de conversão?

Mas estariam os jovens dispostos a essa mudança de estilo de vida, reduzidos à expressão mais absoluta da incapacidade aquisitiva, mas, por outro lado, recusando este estado de coisas? A droga assume aí um papel crucial e projeta esses indivíduos para ações que não realizariam sem ela.

Toda conversão é uma renúncia, um despedir-se de um modo de ser. Na lógica do custo benefício é preciso avaliar o lucro que o converso obtém, que tanto pode ser por acréscimo de capital, como pela redução ou superação de prejuízos. Capital afetivo, moral ou qualquer outro socialmente válido e, portanto, gerador de reconhecimento. É o reconhecimento que, para nós, é o ponto central da questão. E aqui devemos enfatizar a reciprocidade, pois ser reconhecido pressupõe dar valor àquele que nos reconhece, pois se assim não for possível, o reconhecimento promovido é desvalorizado por aquele a quem é dirigido o reconhecimento.

Para usar uma terminologia tão em voga, é uma questão de *qualidade*. Indivíduos desqualificados e que desqualificam a sociedade ou instâncias dela, não podem estabelecer reciprocidade, isto é, não podem, legitimamente, exercitar o reconhecimento e esta é condição básica para a prevenção, qualquer que seja ela.

Por dentro e por fora

O “mundo das drogas” tem as suas especificidades e, de certo modo, só se abre aos iniciados. E, por assim ser, há os que estão “por dentro” e os que estão “por fora”. No Brasil, na tradução de *Outsiders*, de Howard S. Becker, explica a tradutora, a palavra tem a precisa significação de “alguém que não está

relacionado com [...] alguém ou algo de fora”, e foi transformada em “marginais e desviantes”, com o significado da idéia de “marginalidade em relação a fronteiras e limites socialmente estabelecidos”. Por seu lado, Gilberto Velho vê a existência do “mundo das drogas” vinculado a “redes sociais que organizam sua produção, distribuição e consumo, bem como a conjuntos de crenças, valores, estilos de vida e visões de mundo que expressariam modos particulares de construção social da realidade” (VELHO, 1994).

Os *outsiders*, ou seja, os que estão fora das fronteiras desse “mundo das drogas”, constroem em relação à socioeconomia e à urbanização das drogas uma visão desse outro mundo a partir de estereótipos e de pré-conceitos, sobretudo diante da expectativa desse *mundo* invertido capaz de subverter os jovens e fazê-los abandonar o curso de vida esperado pelos seus familiares para a realização de seus “objetivos de êxito” (MERTON, 1970, p. 203).

Em certo sentido, MacRae (2000, p. 37) fala em “carreira” do usuário de drogas, especialmente da maconha, como a incorporação de um hábito a fazer parte do modo de ser dos indivíduos. De fato, em nossos contatos com usuários, a droga é um fator de excitação, uma forma de aventura que rompe com a rotina, sobretudo de grupos que não têm muitas alternativas diante do ócio compulsório e do tédio. Diz o antropólogo: “o caso da maconha, considerando os ‘estágios’ que constituem a carreira do fumante habitual, nossa intenção foi investigar os diferentes aspectos embutidos nessa aprendizagem com ênfase nas manifestações de uma subcultura da maconha”.

A “carreira”, tal como formulam os autores citados, não parece ser um objetivo, quando de fato é uma disposição para um determinado estado de consciência. A droga instrumental não é a mesma droga existencial, pois esta impõe rituais de socialização, sociabilidade, enquanto que a outra é droga “combustível” para um movimento e, ainda mais, quando essa quebra da inércia é objetivada como transgressão e crime.

E, por fim, são as condições objetivas do mundo que alimentam a subjetividade e dão significados às ações. As drogas são, portanto, substâncias, *coisas*, e os seus efeitos, conseqüentemente, dependem da ânsima, em que pese o fato de que têm capacidade de produzir efeitos nem sempre sob o completo controle do usuário.

A cultura das drogas

O mundo das drogas produz, como contexto, a cultura das drogas. É importante registrar que os grupos em sua singularidade desenvolvem conhecimentos a respeito das drogas que utilizam, compartilhando essas experiências e estabelecendo normas e formas de uso. É quanto a este aspecto que Becker se refere à cultura das drogas, ou seja, a troca de experiências entre os indivíduos de um grupo ou entre grupos, e faz questão de destacar: “não mistura de atitudes políticas e culturais à qual o termo muitas vezes é aplicado, mas um conjunto de entendimentos comuns sobre a droga, suas características e a maneira como ela pode ser melhor usada”. (BECKER, 1977).

A cultura das drogas também pode ser vista como um modo social de articulação de atitudes, de linguagem particular, que os usuários produzem para se comunicar entre si e marcar suas identidades de indivíduos e grupos frente aos demais. Esse conjunto de representações pode ser visto como um universo próprio, como um *mundo* em que se vivencia uma pluralidade de relações que extrapolam o universo familiar e o de vizinhança, na medida em que redes de produção e de abastecimento compõem também, como visto em Gilberto Velho, esse mundo relacional complexo. Assim, os circuitos da legalidade e da transgressão se interligam quando se trata, nos casos em análise, de drogas ilícitas.

Para o usuário, pertencer ao mundo das drogas e experimentar a ambivalência da ordem legal e da moral ilícita – esta geralmente vista como heróica por aqueles que a adotam, ou anti-heróica – é sempre um desafio à sociedade da ordem e do consentimento. Mas essa situação dificilmente faz de um ser que pertença ao mundo das drogas um *outsider* em relação ao mundo da ordem, e aqui a recíproca não é verdadeira.

O conhecimento das drogas dá ao usuário uma superioridade sobre os *outsiders* do mundo das drogas, os *de fora*, os *estranhos*. Os usuários podem viver dois mundos, integrar-se a ambos, embora não estejam isentos da estigmatização e mesmo da discriminação se não souber como conjugar esses dois universos em suas relações sociais e em sua inserção na ordem.

O simples fato de se observar pessoas que circulam nesses dois mundos leva o observador astuto a

perceber que o uso de drogas, como estilo ou *ethos*, depende mais do usuário do que da droga que usa, e isso significa que não se pode atribuir à droga uma autonomia em relação ao indivíduo ou mesmo ao contexto social, mas, ao contrário, perceber o indivíduo e o seu contexto para compreender o tempo e os espaços das drogas em suas vidas.

Vida e existência: os significados das drogas

Se, por um lado, reconhecemos uma individualidade no usuário de drogas, pois aí “cada cabeça é um mundo”, por outro, as *formas* de uso – e aí retomamos Simmel – se caracterizam nos enfoques da socioeconômica e da urbanização das *drogas*, como vimos.

Podemos agrupar os usuários em três categorias: a do intimista ou interativa; a do lazer e do lúdico; e a instrumental. Nenhuma delas constitui um tipo ideal puro, mas em cada caso nos possibilita ver os proveitos que esses usuários tiram das drogas. O consumo intimista ou interativo dá conta dos usuários que, como depõe E. “Fico ouvindo som, curtindo a música, embalado na filosofia da letra[...] Faço isso sempre quando termino o dia. No trabalho sou um, depois sou eu e meus gostos”².

Numa outra época e em outro contexto, Freyre (1977, p.631) fala: “Muitos dos barceiros, como os jangadeiros, acreditam em iemanjá, guiam-se pelas estrelas, conhecem os ventos de longe, fumam maconha para sonhar com mulher nua ou moça bonita [...]”. E é ainda Freyre quem registra hábitos remotíssimos de nossa gente na formação da sociedade colonial e vale a pena transcrever o seu texto:

Outro característico comum às várias regiões americanas de colonização monocultora, ou pelo açúcar – tão imensa no Nordeste do Brasil –, foi, e em certos trechos é ainda, o emprego do trabalhador apenas durante uma parte do ano, a outra parte ficando uma época de ócio e, para alguns, de voluptuosidade, desde que a monocultura, em parte nenhuma da América, facilitou pequenas culturas úteis, pequenas culturas e indústrias anexas ao lado da imperial, de cana-de-açúcar. Só as que se podem chamar de entorpecentes, de gozo, quase de evasão, favoráveis àquele ócio e àquela voluptuosidade: o tabaco para os senhores; a maconha – plantada nem sempre clandestinamente perto dos canaviais – para os trabalhadores, para os negros, para a gente de cor; a cachaça, a aguardente, a branquinha (FREYRE, 1977).

Vamos a outras situações, a confissão de marginais que disseram ter fumado maconha e depois cometeram crimes, como nesta perspectiva literária a respeito de um duplo e terrível assassinato de dois jovens encontrados na praia, por três homens:

Deliravam, então, três homens na tarde azul. Só a natureza os rodeava e eles não eram parte dela, eram estranhos. Eram o mangue, o rio, a praia e o mar. Estavam atormentados ou divagavam em devaneios? Estavam sós, cada qual com a sua solidão particular, vivendo o delírio que a maconha e o álcool proporcionaram. Era a hora de descansar o corpo, de deixar a alma solta, na confusão da vida obrigatória.

Em outro depoimento de um entrevistado de nível superior: “toma- mos cerveja, dançamos um bocado e depois veio aquela vontade de transar. Aí pegamos um fuminho e transamos, foi uma maravilha”. Em todas essas situações a droga é a mesma, no caso a maconha, mas os motivos para o uso e as razões dos atos praticados são completamente diferentes. “Vamos lá pegar um fumo para vermos o mundo em seus detalhes” – convidou-me um dos entrevistados quando tomávamos cerveja na Cantina da Lua. Ali mesmo, era sabido, de muitos contatos de marginais que misturavam Rohypnol com cerveja para derrubar turistas gringos e tirar-lhes a *grana*, como assim diziam, as *verdinhas*.

Não é preciso ir mais longe em exemplos. Eles são tão variados, tão múltiplos que nos cansariam, pois seguem os mesmos padrões que indicamos; a conclusão é óbvia: são as pessoas e sua subjetividade, na objetividade da realidade social e não as drogas a suposta autonomia do *efeito delas*.

Cultura e subjetividade

Vamos recorrer a Freud, citado por Todorov (1996, p. 67), que ao citá-lo nos prepara uma boa conclusão:

Nossa natureza animal é a base de nosso ser e, por conseguinte, também de nossa felicidade. O essencial para o bem-estar é, portanto, a saúde [...]. A honra, o brilho, a grandeza, a glória, não importa o valor que lhe atribua, não podem concorrer com esses bens essenciais nem substituí-los [...]. Portanto, é muito útil para a nossa felicidade conhecer em tempo esse fato tão simples que cada um vive antes e efetivamente em sua própria pele e não na opinião dos outros.

“Isso é contestável” – nos diz Todorov – “o homem *vive* talvez inicialmente em sua pele, mas começa a *existir* apenas a partir do olhar dos outros”. Esse deslocamento da base animal para a cultural é o cerne da questão, pois o ser humano vive ecologicamente na cultura e não na natureza e é assim o seu processo vital, como bem percebeu o sociólogo alemão, Simmel, ao apresentar a seguinte formulação:

A inserção de o humano nos dados naturais do mundo, ao contrário do animal, não se opera sem problemas; deles se desenraiza, a eles se opõe e isso exige luta e nela exerce e sofre a violência. Seu primeiro grande dualismo está no começo do processo que se desdobra indefinidamente entre o sujeito e o objeto. A segunda instância desse dualismo se situa no seio do próprio espírito. O espírito engendra inúmeras produções que continuam a existir em sua autonomia específica, independentemente da ânima que as criou, como de todas as outras que acolhe ou que recusa. Assim, de um lado o sujeito se sente em presença da arte ou do direito, da religião ou da técnica, da ciência ou da moral, seja atraído, seja repellido pelo seu conteúdo (aqui estreitamente imbricado a eles como a um pedaço de seu eu, experimentando diante deles um sentimento de estranhamento ou de distâncias intransponíveis); de outro lado, é na forma mesma do concreto, da cristalização, da permanência da existência, que o espírito – torna-se desse modo objeto – se opõe ao fluxo da vida que transcorre, à auto-responsabilidade interna, às diversas tensões do psiquismo subjetivo; enquanto espírito, estreitamente ligado ao espírito, conhece inumeráveis tragédias nascidas dessa profunda contradição formal entre a vida subjetiva que não tem repouso, mas limitada no tempo e seus conteúdos que, uma vez criados, são imutáveis, mas intemporais. É no seio desse dualismo que reside a idéia de civilização (SIMMEL, 1988, p. 179-180).

Por mais longa que tenha sido a recorrência a Simmel, mais ainda necessitaríamos de buscar nele a interpretação do indivíduo e da vida como um processo que transgride todos os limites, na contradição de que a vida é, ela própria, limitada. Essa é a grande tragédia da cultura, o constrangimento do ser vivo em sua existência que transcorre para sua finalização, em que a morte se apresenta como imanente à vida e o projeto de vida como algo transcendental. Voltando a Todorov: “cada um de nós nasce duas vezes: na natureza e na sociedade, para a vida e para a existência; tanto uma como outra são frágeis, mas os perigos que as ameaçam não são os mesmos. O homem é um animal, mas não é somente isso” (SIMMEL, 1988).

A frase de Victor Hugo, citada por Todorov, dá a dimensão da questão: “os animais vivem, o homem existe”, e toda a existência reside no campo simbólico, uma das dimensões mais refinadas da cultura. Podemos sintetizar citando Jankélévitch:

A vida exige um sujeito, uma consciência que a vive; num segundo sentido, a vida é interioridade qualitativa e concreta; ela é inseparável do indivíduo ao qual é imanente. [...] Em uma palavra, e se posso assim me exprimir, o animal vive, mas ele não vive a sua vida; o homem vive, e para além disso, vive sua própria vida, ele vive seus estados de consciência e a sua duração espiritual. Para Simmel, a vida não é precisamente o envelhecimento psicológico, então inconsciente, de um organismo que evolui e muda ao longo de sua duração: ela é o advir contínuo e criador que nós experimentamos em nós mesmos, onde se produz, de qualquer modo, reflexão da consciência sobre a consciência.

Não se trata de uma metafísica individual e individualizante frente ao realismo social e ao ambiente da cultura no qual o homem vive e existe, mas o oposto, o indivíduo como ser construído em sua originalidade para o Outro. Isso pressupõe relações, movimento do eu para o Outro e do Outro para o eu, no qual os desejos desejados são emitidos e limitados por essas relações amplíssimas que são estabelecidas na vida social. São essas relações que fortalecem ou enfraquecem valores. Relações significativas, porque têm significados existenciais para as pessoas envolvidas. É delas que se formam as ações sociais, portanto, os tipos de ações que constituem comportamentos, redes de socialização e de obrigações.

Conclusão

Como conclusão, os usuários de drogas não são semelhantes pelo simples fato de usarem um mesmo tipo de droga; não constituem, pois, um tipo generalizado porque as usam. Em outras palavras, as drogas não os homogeneizam.

Falamos de jovens pobres e deixamos de lado os jovens ricos ou remediados. Na cidade, eles não moram nos mesmos espaços e, nos espaços coletivos, quando acontece aproximarem-se, a exemplo do carnaval, não estão nas mesmas condições e, certamente, essa contigüidade é uma “inatingível

proximidade”, – como o navio sem meios de chegar à ansiada terra, tão próxima! –, senão como um ato de força, que deixa de ser proximidade para tornar-se distância.

Os efeitos das drogas podem ser quimicamente parecidos, mas são culturalmente diferentes, o que equivale dizer, socialmente diferenciados porque as ações que deles resultam não têm o mesmo significado e, assim sendo, são também quimicamente outros.

A socioeconômica da droga e a sociabilidade da urbanização da droga são abordagens importantes para se compreender os tempos e os espaços das drogas: tempo como fase da vida, tempo como época, ou melhor, espírito de época; tempo como divisão do dia e da noite, tempo como estação do ano, tempo como memória e tempo como projeção. Espaço como lugares na cidade, mas também como o “vazio”, como o “oco”, “a própria consciência, a própria liberdade humana?”

A droga no mundo contemporâneo é globalizante; tanto ela quanto o usuário e as conseqüências engendradas do consumo extrapolam toda e qualquer individualização, seja de pessoa ou lugar, ou ainda de tempo. A linguagem mais indicada para estabelecer a comunicação com o usuário de drogas é aquela que compreende os significados que ele próprio atribui à sua ação, no conjunto mais amplo de formas como se relaciona com a sociedade em termos de reconhecimento, negação e rejeição.

“Estar no mundo” e “ser no mundo” implicam no contexto da pessoa no espaço urbano, na estratificação social, nas fases da vida, na afirmação possível e ou precária de suas identidades. As drogas são, portanto, coisas e meios. A *natureza* e a *qualidade* das drogas e seus significados sociais no espírito de época são menos importantes do que as formas e os sentidos socioculturais e psicológicos do *estar no mundo* e de *ser no mundo*. Eis, portanto, os tempos e os espaços das drogas: os tempos e os espaços sociais e culturais da existência.

Notas

¹ Carlos Geraldo D’Andrea Espinheira, doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo, professor do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, pesquisador associado ao Centro de Recursos Humanos da CRH/ UFBA. Sociólogo consultor autônomo.

² Os depoimentos, ainda que restritíssimos aqui, foram tomados quando da pesquisa “Os lugares e os espaços das drogas” e “Conhecimento das drogas: o que se diz e o que se sabe”, realizadas pelo CETAD, no período de 1992/1993, sob a coordenação geral de Antonio Nery Filho e coordenação de pesquisa de Gey Espinheira. Com o título “A Casa e a rua”, publicamos conclusões dessas pesquisas com referência ao espaço público e espaço privado na vida de meninos e meninas na rua, em Cadernos do CEAS, n.º 145, maio/junho de 1993 [p.24-38]. Salvador, 1993.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. O mal-estar da pós-modernidade. Trad. Maura Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

CORBUSIER, Roland. Autobiografia filosófica: das ideologias à teoria da praxis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

ECO, Umberto. A ilha do dia anterior. Trad. Marco Lucchesi. Rio de Janeiro: Record, 1995.

ESPINHEIRA, Gey. A casa e a rua. In: Cadernos do CEAS, n.º 145, maio/junho, 1993. Salvador: Ceas, 1993.

_____. Naquela tarde. (conto inédito)

FERRY, Luc. Homo aestheticus: a invenção do gosto na era democrática. Trad. Eliana Maria de Melo e Souza. São Paulo: Ensaio, 1994.

FREYRE, Gilberto. Nordeste. In: Gilberto Freyre, obra escolhida. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977.

GUIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: Modernização reflexiva: política, tradição, estética na ordem social moderna. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997.

HOWARD, S. Becker. Uma teoria da ação coletiva. Trad. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes; revisão técnica Gilberto Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

HUXLEY, Aldous. The doors of perception and heaven and hell. London, Toronto, Sydney, New York: Panther Granada, 1977.

JANKÉLÉVITCH, Vladimir Georg Simmel, Philosophe de la vie. In: La tragédie de la culture/Georg Simmel. Introduction de Vladimir Jankélévitch; traduit de l’allemand par Sabine Cornille et Philippe

- Ivernel. Paris: Rivage poche Petite Bibliothèque, 1988.
- KOKOREFF, Michel. L'économie de la drogue: des modes d'organisations aux espaces de trafic. In: Les annales de la recherche urbaine, n° 78. Mars, 1998 [114-124].
- LANCELOT, Michel. Je veux regarder Dieu en face – le phénomène hippie: vie, mort et résurrections des hippies. Paris: Editions Albin Michel, 1968.
- MacRAE, Edward; SIMÕES, Júlio Assis. Roda de fumo: o caso da maconha entre camadas médias urbanas. Salvador: Edufba; CETAD-UFBA, 2000.
- MAFFESOLI, Michel. A sombra de Dionísio, contribuição para uma sociologia da orgia. Trad. Aluizio Ramos Trinta. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- MERTON, Robert King. Estrutura social e anomia. In: Sociologia: teoria e estrutura. Trad. Miguel Maillat. São Paulo: Mestre Jou, s.d. SIMMEL, Georg. La tragédie de la culture/Introduction de Vladimir Jankélévitch; traduit de l'allemand par Sabine Cornille et Philippe Ivernel. – Paris: Rivage poche Petite Bibliothèque, 1988.
- TODOROV, Tzvetan. Ser, viver e existir. In: A vida em comum: ensaio de antropologia geral. Trad. Denise Bottmann e Eleonora Bottmann. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1996.
- VEJA. “Os bandidos das chacinas: um mergulho no mundo da barbárie da Grande São Paulo, onde as quadrilhas fizeram dos morticínios em série uma ocorrência banal”. São Paulo: Abril, 08 de set. 1999, p. 42-53.
- VELHO, Gilberto. Dimensão cultural e política do mundo das drogas. In: Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.